

HISTÓRIA E CINEMA: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O LIVRO E O FILME “CORAÇÕES SUJOS”

Gabriel Pereira Rufino¹

RESUMO

O presente artigo busca trazer uma reflexão histórica acerca da imigração japonesa no Brasil, com foco nas discriminações e sanções impostas pelo Estado brasileiro sobre os japoneses nos períodos pré, durante e pós Segunda Guerra Mundial, e do surgimento do terror imposto por sociedades nacionalistas japonesas contra seu próprio povo. É importante abordar o passado turbulento enfrentado pelos imigrantes japoneses nessa época, uma vez que, com a entrada do Brasil no conflito ao lado dos Aliados, estes sofreram perseguições e discriminações. Compreender esse período histórico é essencial para promover a empatia e a justiça social, além de contribuir para uma sociedade mais inclusiva e consciente da história de uma comunidade tão presente no Brasil. A pesquisa foi realizada por meio de uma análise comparativa entre o livro “Corações Sujos” (2000), de Fernando Morais, e o filme “Corações Sujos” (2011), dirigido por Vicente Amorim e inspirado no livro de Fernando Morais. A sua finalidade foi a de examinar como são apresentadas, tanto no livro quanto no filme, as ações sofridas pela comunidade japonesa do interior paulista pela ação da seita *Shindo Renmei*, a movimentação do governo brasileiro e da população em geral. Foram discutidas as diferenças entre as obras literária e cinematográfica, destacando o conteúdo acrescentado ao filme e como foi construído o panorama histórico baseado no livro. Por fim, concluiu-se que, mesmo se tratando de um filme de ficção, o longa-metragem traz os elementos principais do livro e representa as características mais importantes vividas no período pela comunidade japonesa do interior paulista.

Palavras-chave: Japoneses; Segunda Guerra Mundial; Sociedades Nacionalistas; Corações Sujos; Análise Comparativa.

ABSTRACT

The present article seeks to provide a historical reflection on Japanese immigration to Brazil, focusing on the discrimination and sanctions imposed by the Brazilian State on

¹ Graduando em História pelo Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO). Artigo realizado para as disciplinas de Metodologia da Pesquisa em História e História Contemporânea, sob a orientação dos Profs. Drs. Lourdes M. G. C. Feitosa e Roger M. M. Gomes.



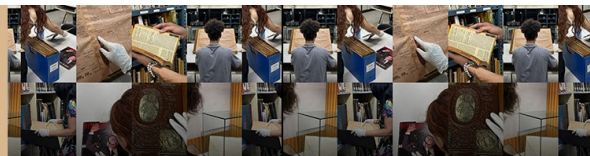
Japanese people in the periods before, during, and after World War II, as well as the emergence of terror imposed by Japanese nationalist societies against their own people. It is important to address the turbulent past faced by Japanese immigrants during this time since, with Brazil's entry into the conflict alongside the Allies, they endured persecution and discrimination. Understanding this historical period is essential for fostering empathy and social justice, as well as contributing to a more inclusive society that is conscious of the history of such a significant community in Brazil. The study was conducted through a comparative analysis of the book *“Corações Sujos”* (2000) by Fernando Morais and the film *“Corações Sujos”* (2011), directed by Vicente Amorim and inspired by the book. Its objective was to examine how the actions suffered by the Japanese community in the interior of São Paulo by the action of the *Shindo Renmei sect*, the movement of the Brazilian government and the population in general, are presented both in the book and in the film. Differences between the literary and cinematic works were discussed, highlighting the content added to the film and how the historical panorama based on the book was constructed. Finally, it was concluded that, despite being a work of fiction, the feature film brings forth the main elements of the book and represents the most significant experiences of the Japanese community in the countryside of São Paulo during the period.

Keywords: Japanese; World War II; Nationalist Societies; Dirty Hearts; Comparative Analysis.

INTRODUÇÃO

O estudo de história desempenha um papel crucial na formação de cidadãos críticos, conscientes e engajados. O historiador Eric Hobsbawm (1917-2012) defendia que a história deve ser ensinada de forma a incluir as vozes dos grupos marginalizados, que diversas vezes são ignorados pela historiografia tradicional. Tal modelo de ensino promove a empatia e o respeito pelas diversas culturas e sociedades, enriquecendo, também, nossa compreensão do passado.

Conforme enfatizado por Hobsbawm, a compreensão crítica do passado é essencial tanto para evitar a repetição dos erros históricos quanto para a construção de um futuro mais consciente. Outrossim, de acordo com a Universidade Federal de Goi-

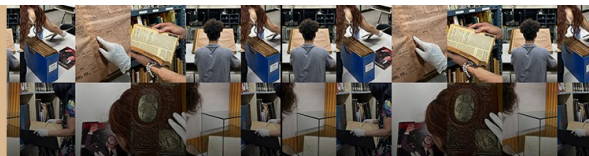


ás (2012), o estudo de história fomenta a formação da identidade e da consciência histórica dos indivíduos por meio do conhecimento e compreensão de suas próprias origens e do contexto em que estão inseridos, o que contribui significativamente para a construção de uma sociedade mais tolerante e inclusiva.

No que diz respeito ao estudo específico sobre as colônias japonesas residentes no Brasil, este se mostra um tópico de suma importância para a compreensão da diversidade cultural e histórica do país. A imigração japonesa, que teve início em 1908 com a chegada do navio Kasato Maru (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2008), representaria o começo do que viria a se tornar, nos dias de hoje, a maior comunidade japonesa fora do Japão. O foco está no estado de São Paulo, onde há a maior concentração de descendentes japoneses e a influência nipônica é notável. Tais dados reforçam a relevância de seu estudo e ensino, sobretudo para a preservação e valorização da história e cultura nipo-brasileira.

A Embaixada do Japão no Brasil estima que cerca de 2 milhões de japoneses e descendentes vivam no Brasil. Ademais, o levantamento oficial mais recente do Censo do IBGE (2010), que fornece dados detalhados sobre a população japonesa no Brasil, aponta que quase 50 mil japoneses residiam no Brasil, representando 11,4% do total de estrangeiros que viviam no país no dito ano.

Além disso, é importante abordar o passado turbulento enfrentado pelos imigrantes japoneses durante a Segunda Guerra Mundial, uma vez que, com a entrada do Brasil no conflito ao lado dos Aliados, os japoneses sofreram perseguições e discriminações, por passarem a ser considerados inimigos (Rodrigues; Nascimento, 2017). Compreender esse período histórico é essencial para promover a empatia e a justiça social, além de contribuir para uma sociedade mais inclusiva e consciente da história de uma comunidade tão presente no Brasil.

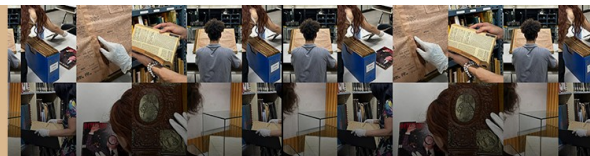


A partir do exposto, nota-se a importância de haver livros, documentários e filmes sobre a história das comunidades japonesas no Brasil e seus percalços, permitindo o conhecimento da população acerca desse tema. A ambientação proporcionada pelos filmes, aliada ao conteúdo histórico, torna-os uma ferramenta eficaz nesse contexto. Marc Ferro (1992) sugere que os filmes, sejam eles documentários ou ficcionais, servem como documentos que capturam a essência de uma época, refletindo as preocupações, valores e ideologias de um determinado período. Isso significa que ao analisar um filme podemos obter insights sobre a sociedade e a cultura do tempo em que foi produzido.

Dessa forma, o presente artigo se propõe a fazer uma análise comparativa entre o filme “Corações Sujos” (2011), dirigido por Vicente Amorim e inspirado no livro de mesmo nome “Corações Sujos” (2000), escrito por Fernando Moraes, destacando o conteúdo acrescentado ao longa-metragem e como foi construído o panorama histórico baseado no livro.

AUTOR E DIRETOR

O autor do livro “Corações Sujos”, Fernando Gomes de Moraes, é um renomado jornalista e escritor brasileiro, conhecido por suas obras que exploram temas históricos e sociais do Brasil. Nasceu em Mariana, no estado de Minas Gerais (Brasil), em 22 de julho de 1946. Aos 14 anos de idade começou a atuar como repórter em Belo Horizonte e, em 1966, mudou-se para São Paulo, onde trabalhou no Jornal da Tarde e, posteriormente, em revistas como Veja e na TV Cultura (UNICAMP, [s.d.]). Foi, também, político, de acordo com Companhia das Letras ([s.d.]), atuando como deputado e tornando-se secretário da Cultura (1988-1991) e secretário da Educação (1991-1993) do Estado de São Paulo.

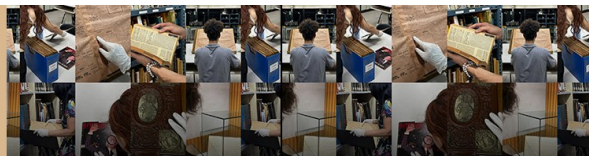


Morais lançou vários livros de sucesso ao longo de sua trajetória, incluindo biografias e obras de não-ficção, que frequentemente abordam figuras e eventos significativos da história brasileira. Dentre eles, pode-se citar, por exemplo, o livro intitulado “Olga” (1985), sobre Olga Benario, judia e comunista que foi entregue pelo governo de Getúlio Vargas à polícia secreta alemã, vindo a ser assassinada nos campos de concentração nazistas.

Fernando Moraes tem seu estilo caracterizado pela pesquisa minuciosa e pela narrativa envolvente, o que lhe rendeu reconhecimento e prêmios na literatura, sendo agraciado três vezes com o Prêmio Esso e quatro vezes recebeu o Prêmio Abril de Jornalismo. É considerado um dos escritores brasileiros que mais comercializa livros no país, além de o fazer também em outros mais de 19 países, havendo alcançado o surpreendente marco de mais de 2.000.000 de exemplares vendidos (InfoEscola, [s.d.]).

Ele escreveu o livro-reportagem “Corações Sujos”, publicado em 2000 pela editora Companhia das Letras, no qual o autor narra a história da Shindo Renmei, seita nacionalista que assombrou a colônia japonesa no Brasil após o fim da Segunda Guerra Mundial. Fernando Moraes contou em entrevista ao projeto “Um Escritor na Biblioteca”, divulgada pela Biblioteca Pública do Paraná (2012), que, uma vez que muitas das pessoas que vivenciaram o período já haviam falecido, ele foi duas vezes ao Japão durante o processo de escrita do livro, onde conversou com pessoas que conviveram com tais sujeitos, para desenterrar perfis de personagens e seus hábitos.

A obra de grandioso valor recebeu o Prêmio Jabuti em 2001, de acordo com Agência Brasil (2023), e recebeu uma adaptação cinematográfica em 2011, sob direção de Vicente Amorim. Em entrevista ao projeto “Um Escritor na Biblioteca”, o autor disse que o longa-metragem, em sua opinião, é belíssimo e o comoveu (Biblioteca Pública Do Paraná, 2012).

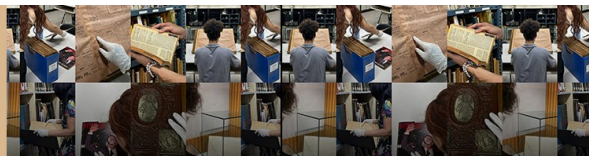


Vicente Amorim é um cineasta e produtor austro-brasileiro, nascido em Viena (Áustria), em 17 de novembro de 1966. Grande cinéfilo desde a infância, ele teve a oportunidade de trabalhar como assistente de Leon Hirszman no filme "Imagens do Inconsciente" (1987), aos 17 anos de idade, e, posteriormente, trabalhou como assistente de câmera, de som e na pós-produção (Giffoni Film Festival, 2004). Estudou Economia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, então, Cinema na Universidade Federal Fluminense (UFF).

No decorrer de sua carreira, Amorim trabalhou como assistente de direção em várias produções, tanto brasileiras quanto internacionais. Sua estreia como diretor aconteceu em 1990, com o curta-metragem denominado "Vaidade", que lhe rendeu o prêmio de Melhor Direção em Curta-Metragem no Festival de Gramado, segundo Papo de Cinema ([s.d.]). Ele ganhou destaque nacional com o documentário "2000 Nordestes" (2001), premiado como o melhor documentário no Festival de Cinema Brasileiro de Miami e primeiro filme brasileiro a receber o selo da Unesco pelo seu conteúdo (Latam Training Center, 2009).

Consolidou sua carreira com a direção de vários filmes, sendo um grande exemplo "Corações Sujos" (2011), inspirado no livro de mesmo nome de Fernando Morais. Roteirizado por David França Mendes e produzido por Vicente Amorim, João Daniel Tikhomiroff, Gil Ribeiro, Michel Tikhomiroff e Caique Ferreira, o filme possui duração de 107 minutos e foi distribuído por Downtown Filmes.

Contabilizando mais de 20 títulos como assistente de direção, somando-se 5 curtas-metragens e mais de 200 comerciais de TV e videoclipes nos quais atuou como diretor, além dos longas-metragens, Amorim consolidou-se como um cineasta versátil e talentoso, premiado internacionalmente (Giffoni Film Festival, 2004). É conhecido por sua grande habilidade em contar histórias complexas e emocionantes, e continua a ser uma figura influente no cinema brasileiro e internacional.



CONTEXTO HISTÓRICO

Devido ao nível de influência social, cultural e econômica que cercam a história das comunidades japonesas residentes no Brasil, se faz necessário entender o contexto anterior à sua vinda ao Brasil, até o momento relatado no livro “Corações Sujos”.

O processo que culminou na imigração japonesa para o Brasil em 1908 iniciou-se muito tempo antes, com a implementação da Política Sakoku. Foi no ano de 1639 que o governo Tokugawa, buscando estabelecer ordem e paz interna, implementou a política de Sakoku, que significa "país fechado". Essa estratégia, visava afastar o Japão do controle chinês e evitar o intercâmbio cultural com países do nordeste asiático.

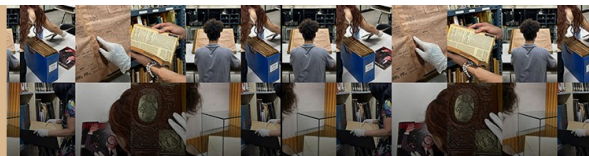
O período em questão, marcado pelo final do Japão feudal, caracteriza-se por uma sociedade estritamente hierárquica, com a economia fortemente ancorada na agricultura. A mão de obra concentrava-se nas áreas rurais, cultivando os campos e sustentando da população. Entretanto, apesar da predominância agrícola, o Japão não era autossuficiente e recorria ao comércio com a Holanda e a China para suprir suas necessidades (Kazui, 1982, p. 304).

Oliveira e Yura (2020, p. 12) relatam que:

O Japão esteve praticamente isolado do mundo por mais de 200 anos, entre 1639 e 1854, durante o Período Edo ou Tokugawa, durou de 1603 a 1868. Suas relações internacionais se resumiam ao comércio com poucos países orientais, sobretudo a China. Dessa forma, era um país praticamente autossuficiente, independente e conservador.

O trecho de Oliveira e Yura traz luz à situação na qual o Japão se encontrou por mais de 200 anos, um país geopoliticamente e territorialmente isolado. Um período que abarcou gerações e que teve potencial para moldar a mentalidade da população japonesa.

A Sakoku moldou o Japão por 200 anos, influenciando profundamente sua estrutura social, econômica e cultural. A estabilidade e paz interna foi alcançada, mas



houve outras consequências, como, por exemplo, a mentalidade xenófoba. A política de isolamento contribuiu para o desenvolvimento dessa mentalidade entre a população japonesa, que via os estrangeiros com desconfiança e hostilidade.

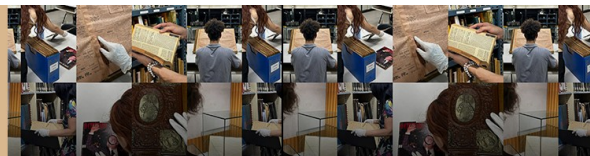
O período Sakoku também consolidou o poder do Xogunato Tokugawa, que controlava rigorosamente o comércio e as relações com o exterior, o que ajudou a desenvolver a homogeneidade cultural japonesa. O isolamento intensificou essa homogeneidade, preservando tradições e costumes milenares, entretanto, também limitou a troca de ideias e tecnologias com outras culturas.

Eis, então, um dos grandes problemas enfrentados pelo Japão: o atraso tecnológico. O isolamento do Japão resultou em um atraso tecnológico em relação a outras nações, especialmente na área militar e industrial. Essa lacuna tecnológica se tornaria um desafio significativo para o Japão no século XIX.

Foi somente no século XIX que uma mudança nesse cenário teve início, quando navios estrangeiros começaram a forçar o comércio com o Japão. O fechamento, isolamento, e não acompanhamento das mudanças econômicas, geopolíticas e industriais, consequências geradas pela política de Sakoku no Japão, fizeram com que o país se visse incapaz de resistir ao poder bélico estadunidense, simbolizado pelo Comodoro Matthew Calbraith Perry, representando o interesse dos Estados Unidos da América em fazer comércio com o Japão, no ano de 1854.

Quinze anos depois, o Japão encontrava-se em um momento de profunda transformação. Após séculos de isolamento e feudalismo, o país embarcou em um ambicioso processo de modernização, impulsionado pela Revolução Meiji, em 1868. Conforme é apontado por Oliveira e Yura (2020), essa iniciativa, liderada pelo Imperador Meiji, Mutsuhito Tenno, visava a integração do Japão ao cenário global, industrializando sua economia e adotando um sistema político mais ocidental.

Essa rápida modernização, no entanto, trouxe consigo desafios. A industrialização desencadeou um êxodo rural em massa, com a população em busca de melhores



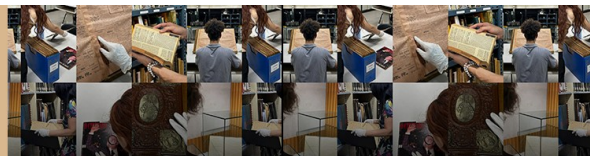
oportunidades nas cidades. Tóquio e Osaka, especialmente, experimentaram um crescimento exponencial, tornando-se rapidamente centros urbanos superlotados e incapazes de atender às demandas da crescente população.

Tal situação desencadeou uma série de problemas sociais e econômicos. A superlotação das cidades impulsionou o desemprego, enquanto a baixa produção agrícola, resultado do êxodo rural, e a incipiente indústria, ainda em desenvolvimento e enfrentando grandes dificuldades devido ao longo período de isolamento, não conseguiam suprir as necessidades da população. Soma-se a isso a carga tributária elevada, que pesava sobre os agricultores, levando a frequentes revoltas agrárias e agravando a instabilidade social (Vieira, 1973).

Diante desse cenário desafiador, o governo japonês buscou soluções para aliviar as tensões sociais e garantir a estabilidade do país. De acordo com Oliveira e Yura (2020), uma das medidas consideradas foi a emigração, vista como uma forma de reduzir a pressão populacional e oferecer novas oportunidades aos seus cidadãos. É, então, nesse contexto que surge a oportunidade de emigração para o Brasil.

No ano de 1908, o navio Kasato Maru atracou no porto de Santos, no estado de São Paulo, trazendo consigo os primeiros 781 imigrantes japoneses. Estes, movidos pela esperança de uma vida melhor, iniciavam uma nova jornada em terras brasileiras, abrindo caminho para o que viria a ser uma das maiores migrações da história moderna.

Ao chegarem ao Brasil, seus objetivos eram claros: se reestabelecer financeiramente e retornar ao Japão. A permanência temporária e o objetivo de retornar com dinheiro e vida financeira reestabelecida caracterizava as comunidades japonesas como transnacionais e, por conta disso, estritamente japonesas (Castro, 1993, *apud* Nogueira, 1973). Eis um ponto muito importante, pois deixa claro qual era a mentalidade do imigrante japonês naquele momento, que, como dito acima, era de não se estabelecer permanentemente, conseguir dinheiro e de manter sua identidade japonesa.

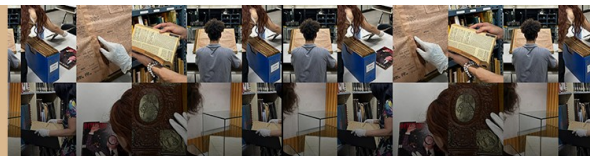


Uma vida japonesa estabelecida fora do Japão demandaria um esforço em manter a cultura viva, portanto tudo o que seria consumido pelos japoneses deveria ser estritamente japonês, como a culinária, por exemplo, que precisou se adaptar ao clima e ao alimento aqui disponível. Além disso, e principalmente, a educação das crianças japonesas também precisou continuar sendo estritamente japonesa, sendo necessária a produções de livros japoneses para que servissem de material para estudo. Jornais e revistas também eram publicados em japonês, o que, além de servir para manter um fluxo de informações e ensinamentos em movimento, também era uma forma de movimentar o comércio de bancas e jornais japoneses.

Fernando Morais evidencia a existência dessas bancas e revistas ao explicar o impacto que as sanções impostas pelo governo brasileiro às línguas faladas pelos súditos do Eixo a partir de 29 de janeiro de 1942, onde ficou proibido o uso da língua, seja falando ou escrita, tiveram nas bancas, revistas, livros e educação das crianças japonesas (Morais, p. 29). Ele explica que, por não poderem produzir conteúdo em japonês, as bancas de jornais precisaram traduzir seu conteúdo para poder publicá-los. Porém, como a maior parte dos japoneses não falava português, as bancas só atingiam o público falante do português, que, por sua vez, não se interessavam pelo conteúdo, o que gerou a falência de muitas bancas.

Handa (1987, p. 596) afirma que:

Nos parágrafos da lei de imigração (a famosa lei número 3, artigo 10), o ensino da língua estrangeira é totalmente proibido. Essa lei de imigração regulou a vida dos imigrantes em todos os aspectos: ingresso no país como imigrante, residência, naturalização, formação de núcleos de colonização, ensino primário. Houve ainda a promulgação da lei que permitia que somente um terço dos trabalhadores de estabelecimentos comerciais e industriais fossem estrangeiros. Como consequência da promulgação desta lei, as escolas japonesas da colônia foram todas fechadas. Se, depois disso, ainda houvesse escolas japonesas funcionando, elas seriam clandestinas.

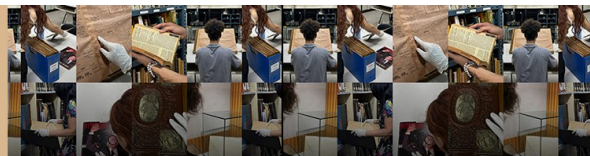


Assim sendo, foi necessário criar escolas clandestinas para as crianças japonesas, que em sua maioria funcionavam durante as madrugadas. E como é de se imaginar, utilizavam livros escritos em japonês e as aulas eram todas em japonês. Ao receberem denúncias, as autoridades brasileiras imediatamente abordavam as escolas durante o período da aula e prendiam os responsáveis, além de queimarem todo o conteúdo produzido em japonês. Essa atitude foi minando a possibilidade da comunidade japonesa se manter distante dos demais aspectos da sociedade brasileira, como, por exemplo, a língua.

Eventos particulares dos japoneses também eram invadidos pelas autoridades além das escolas clandestinas, nas quais eram queimadas bandeiras do Japão e tudo o que encontrassem em japonês ou que fizesse referência ao país. Este é o contexto no qual o filme “Corações Sujos” (2011) se passa. Porém, há outro aspecto importante nesse cenário: a Shindo Rinmei.

A Shindo Renmei, ou Liga do Caminho dos Súditos, foi um movimento extremista que marcou a história da comunidade japonesa no Brasil, especialmente no estado de São Paulo. A organização, ativa principalmente na década de 1940, após a Segunda Guerra Mundial, cometeu diversos atos de violência contra seus próprios compatriotas, revelando um lado obscuro da diáspora japonesa e os desafios da identidade e lealdade em um contexto pós-guerra.

Vale ressaltar que a fundação da Shindo Renmei é controversa, havendo três versões. Ao passo que uma aponta a origem da organização datando de 1942 na cidade de Marília, no estado de São Paulo, outra afirma que foi em 1945, na tentativa de legalizar a comunidade perante o Estado brasileiro, que esta se estabeleceu da forma como ficou conhecida. A terceira versão, por fim, é de que a organização, sob o nome dado pelo ex-coronel Jinsaku Wakiyama, Kodôsha, significando “Movimento Unificador”, teria surgido no ano de 1944, sendo esta última versão a mais defendida por Dezem (2010). Nesse período, Wakiyama cedeu sua posição de líder da organização

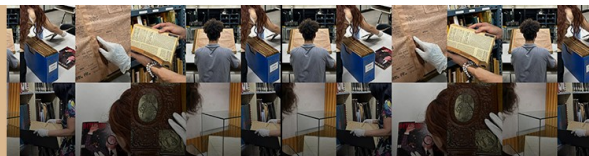


para ex-tenente coronel Junji Kikawa, que veio a ser detido e preso em agosto de 1944.

Nesse contexto, consoante Comissão De Elaboração Da História Dos 80 Anos Da Imigração Japonesa No Brasil (1992, p. 312), os membros da organização começaram a acreditar que o nome Kodôsha era “excessivamente insignificante” e, por isso, o nome foi alterado para Shindo Renmei, significando “Liga do Caminho dos Súditos”, em maio de 1945. Ademais, o nome anterior não serviria para a zona rural de imigrantes japoneses, então um dos membros da zona rural sugeriu a nova nomenclatura.

Consoante o depoimento de um dos líderes, Ryotaro Negoro, a Shindo Renmei foi fundada no dia 22 de julho de 1945, em Marília, no estado de São Paulo, com uma reunião de oitenta pessoas, em média, a partir da iniciativa de Kanji Aoki, Kiyoo Yamanoichi, Masanobu Sato, Ryotaro Negoro, Sakuzo Kawashima, Tooru Kubo, Seiichi Tomari – principal articulador das decisões a serem tomadas na ausência de Kikawa – e Junji Kikawa (Comissão De Elaboração Da História Dos 80 Anos Da Imigração Japonesa No Brasil, 1992, p. 316). Porém, o depoimento se mostra controverso, de acordo com Dezem (2000, p. 107), uma vez que o ex-tenente coronel Kikawa ficou preso na Casa de Detenção de São Paulo até o mês de novembro de 1945, ou seja, seria absolutamente impossível que ele estivesse presente na reunião relatada por Negoro, em julho do dito ano.

A Shindo Renmei surgiu em um contexto marcado pela negação da derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial por parte de alguns membros da comunidade. A organização pregava um nacionalismo radical, defendendo a pureza da raça japonesa e a necessidade de resistir à influência ocidental. Seus membros acreditavam em teorias conspiratórias sobre a vitória japonesa e consideravam os nipo-brasileiros que aceitavam a rendição como traidores.



Segundo a Comissão de elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil (1992, p. 310):

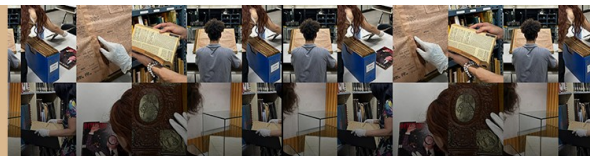
A fé inabalável na vitória do Japão tinha profundas raízes no sistema educacional do Império japonês, implementado no período Meiji (1868-1912). E, por essa razão, com exceção de parte dos primeiros imigrantes aqui chegados, os chamados imigrantes orientados pela “política nacional de emigração”, ou seja, aqueles que chegaram ao Brasil na década de 30, tinham recebido desde sua infância a sistemática educação de “súditos do Imperador”, de obediência absoluta ao micado. Estavam imbuídos da ideologia militarista e ultranacionalista de “Japão, país divino e invencível”.

A ideologia da Shindo Renmei era baseada em uma interpretação distorcida da história e da cultura japonesa. A organização utilizava símbolos e rituais tradicionais para fortalecer o sentimento de identidade nacional entre seus membros, justificando a violência como um meio de purificar a comunidade e preservar a honra do Japão. Assim, em todos os casos de violência, existia unicamente o objetivo de “exterminar os infames derrotistas” (Comissão De Elaboração Da História Dos 80 Anos Da Imigração Japonesa No Brasil, 1992, p. 333).

COMPARATIVOS

O livro “Corações Sujos” possui uma escrita simples e direta, assim define o seu autor, Fernando Morais, em uma entrevista cedida ao projeto “Um Escritor na Biblioteca”, “escrevo pensando no leitor” (2012). A construção da narrativa também é confortável ao leitor, sendo feita de modo linear e com detalhes, trabalhando em forma de relatos narrados. Para entender como o filme se relaciona com o livro, é necessário entender o primeiro capítulo do livro e como o filme adapta seu conteúdo.

O capítulo 1 se inicia com um relato sobre um conflito entre japoneses e as autoridades brasileiras. O relato começa com japoneses reunidos festejando na casa de Koketsu, festa esta que acaba sendo denunciada às autoridades. O livro conta que as

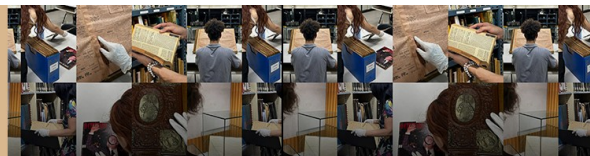


autoridades chegaram ao local sob comando do cabo Edmundo Vieira Sá, da Polícia Militar, conhecido por sua truculência em relação aos japoneses. Foram apreendidos não somente os japoneses, mas também tudo o que consideravam "provas do crime", como livros e objetos culturais.

A parte central acontece quando o Cabo Edmundo avista a bandeira japonesa hasteada e a ofende, retira-a de sua haste improvisada e limpa suas botas com ela. Tal ofensa enfureceu os japoneses, que se organizaram para buscar vingança, com sete homens se preparando para agir. Eles eram descritos como um grupo que, apesar de sua aparência de agricultores pacatos, estavam armados e prontos para agir. Após se preparem, partiram para a delegacia na tentativa de matar o cabo Edmundo, mas acabaram sendo presos e interrogados.

Foi necessário um intérprete que ajudasse na compreensão de ambas as partes. A mediação, portanto, foi feita por um japonês chamado Jorge Okazaki, adaptado, no filme, sob o nome fictício Aoki. Os japoneses que estavam sendo interrogados ficaram furiosos com Okazaki, que foi marcado como traidor e passou a receber diversas ameaças de morte e hostilidades.

Esse primeiro capítulo fornece detalhes que explicam qual era situação vivida pelos japoneses na época, como a divisão existente entre o próprio povo japonês, onde alguns criam na vitória do Japão na Segunda Guerra Mundial enquanto outros aceitavam que a derrota havia acontecido. Isso é mostrado no filme quando Akemi, filha de Sasaki, encontra o pai juntamente de Aoki ouvindo a rádio que dizia sobre a derrota do Japão, sendo lida a carta de rendição do imperador Hirohito. Sasaki, ao notar a presença da filha, a adverte dizendo "Akemi...você não escutou nada disso", buscando protegê-la daqueles que defendiam violentamente a vitória japonesa na guerra (Corações Sujos, 2011, 10' a 11'09"). Porém, somente no segundo capítulo podemos entender melhor seu contexto.



Um fato importante de se notar no capítulo 1 é a formação de sociedades nacionalistas, que tinham como base a divulgação de informações distorcidas sobre a vitória do Japão na Segunda Guerra Mundial. Elas se reuniam e agiam de forma secreta por conta da repressão imposta pelo Estado brasileiro aos japoneses. Tais sociedades são bastante relevantes no filme, uma vez que é a partir delas que ele se desenvolve, sendo introduzido, já no início do longa-metragem, um ambiente social nacionalista que se mostra nítido na cena em que o personagem fictício Coronel Watanabe, adaptado da figura real do livro, o Coronel Kikawa, saúda militarmente a bandeira japonesa.

Ademais, outro aspecto importante trazido do livro ao filme é o preconceito racial da época. A exemplo disso, há o momento após os japoneses saírem do interrogatório, no qual estes são abordados pelo subdelegado que afirma “Se fosse no país de vocês, ia todo mundo enforcado. Mas aqui no Brasil, um bando de amarelos tenta matar um branco e é solto por um advogado preto” (Corações Sujos, 2011, 21’48”). Tal cena faz clara referência ao que se passa no livro, na fala de um policial dizendo “Vocês dizem que o Brasil não é democrático? No Japão vocês já teriam entrado na faca. Aqui vocês, amarelos, são hóspedes de um país de brancos, tentaram matar um mulato e agora estão sendo defendidos por um preto. Depois ainda dizem que são discriminados...” (Morais, 2000, p. 16). Nota-se assim que o preconceito na época não era algo restrito aos japoneses, mas abrangia, também, a população negra.

No final do capítulo 1 e início do capítulo 2, Fernando Morais traz uma contextualização do período. De forma narrativa, é explicado que os japoneses já eram criticados e discriminados na política brasileira antes mesmo de virem ao Brasil, em 1908, no Kasato Maru. Sofreram com a adaptação e choque cultural causados pela grande diferença de clima e cultura.

A dificuldade dos japoneses se intensificou a partir do momento em que o Japão entrou na guerra e piorou muito quando o Brasil também entrou no conflito, mas como inimigo. Os japoneses enfrentaram diversas sanções culturais e econômicas



impostas pelo governo brasileiro. Após o fim da guerra, houve conflitos entre os japoneses, pois alguns – aqueles que viriam a dar origem à Shindo Renmei – difundiam a ideia de que o Japão havia vencido a guerra e os japoneses que não compactuavam com suas ideias eram hostilizados e tratados como traidores.

O filme, por sua vez, traz uma rasa contextualização acerca da repressão imposta pelo Estado aos japoneses (Corações Sujos, 2011, 2'04" a 3'05"). As informações necessárias para entender os conflitos presentes no enredo vão se apresentando conforme o seu desenrolar.

Diferente do livro, o filme tem um protagonista, o fotógrafo Takahashi, o qual é um dos sete homens que foram à delegacia atrás de vingança pelo episódio da bandeira profanada (Corações Sujos, 2011, 14'04" a 16'09"). Vale ressaltar que este personagem em questão é fictício, pertencendo apenas à adaptação cinematográfica, enquanto o dito grupo, presente tanto no livro quanto no filme, realmente existiu e seus integrantes passaram a ser conhecidos pela população como “os sete samurais”.

Os personagens do filme não os mesmos do livro. Cada pessoa real retratada no livro é adaptada de forma ficcional na longa-metragem, onde recebem outros nomes e seus contextos são interligados para que interajam e criem um enredo que se conecte. Essa mescla de contextos é a forma como o filme adapta o conteúdo do livro. Por se tratar de uma obra cinematográfica, uma adaptação completa se torna inviável. Assim, a estratégia adotada pelos roteiristas e diretores do filme está em criar uma história ficcional que conecte os personagens do livro, mas mantendo a historicidade construída.

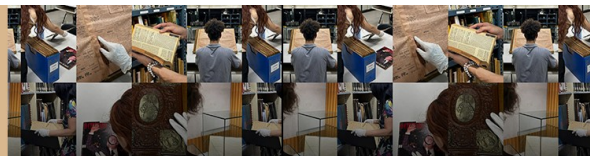
Após a apresentação do protagonista (Corações Sujos, 2011, 4'10" a 5'01"), temos um exemplo da adaptação ficcional dos personagens e da mescla de contextos. O exemplo em questão é o episódio inicial do livro, onde é narrado o conflito entre os japoneses presentes na festa de Koketsu e as autoridades brasileiras.



O filme adapta essa cena (Corações Sujos, 2011, 5'02" a 9'20") alterando suas características, trocando o personagem real do livro, Koketsu, pelo fictício Coronel Watanabe que, por sua vez, é uma adaptação do Coronel Kikawa, do livro. Além disso, mudam o teor da festa, que era apenas a celebração do ano novo japonês – Oshogatsu, o início do ano 21 da Era Showa – no livro e, no longa-metragem, passou a ter caráter nacionalista, com o Coronel Watanabe saudando militarmente a bandeira japonesa. O cabo Edmundo Vieira Sá, figura real retratada no livro, também foi adaptado sob o nome cabo Garcia.

Os acontecimentos da profanação da bandeira, a ida dos “sete samurais” à delegacia em busca de vingança e a prisão dos japoneses ocorre da mesma forma que no livro (Corações Sujos, 2011, 14'04" a 16'09"). Ademais, o importante interrogatório que acontece também é mantido (Corações Sujos, 2011, 16'12" a 21'04"), no qual são descobertas as ideias distorcidas sobre a vitória do Japão na Segunda Guerra Mundial. Nesse ponto se encerra a adaptação cinematográfica da primeira parte do primeiro capítulo do livro.

Quanto ao conteúdo do fim do capítulo 1 e início do capítulo 2, há poucas adaptações para o filme. No começo do segundo capítulo, houve uma ordem de fechamento das escolas japonesas, que passaram a existir de forma clandestina (Morais, 2000, p. 32). Isso é ilustrado no filme em uma cena após o regresso dos sete japoneses, em uma escola clandestina de japonês para crianças, na qual uma delas pergunta "Por que precisamos estar escondidos? E por que aprender japonês?", sendo respondida por outra criança, a garotinha Akemi, que diz "Você é japonesa ou brasileira?", resposta que ela mesma havia ouvido de Takahashi ao lhe questionar anteriormente. Após isso, a polícia invade a escola, apreende os materiais e adverte a todos afirmando que falar ou ensinar japonês e usar a bandeira e livros japoneses ainda eram expressamente proibidos (Corações Sujos, 2011, 28'02" a 30'32").



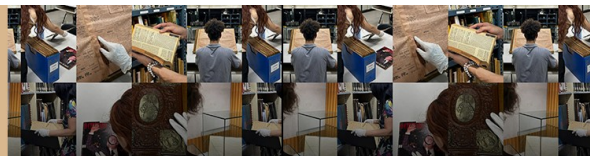
Essa parte do livro traz a contextualização do cenário político brasileiro antes e durante a Segunda Guerra, na qual Fernando Morais explica a situação dos japoneses no Brasil antes da guerra, onde já sofriam discriminação no ambiente político, com os políticos buscando diminuir a imigração de japoneses para o país. Chegou-se, inclusive, a utilizar a expressão “perigo amarelo” para se referir ao povo do Japão, em menção ao medo de que o Brasil se tornasse mais japonês do que brasileiro.

Morais explica que a convivência com os brasileiros durante a guerra já não era boa e ficou ainda pior. Nessa parte do livro também são explicadas as sanções econômicas e culturais aplicadas pelo Estado brasileiro aos imigrantes japoneses e a censura ao uso da língua japonesa, além do italiano e alemão.

Foi proibida a publicação de livros e jornais no idioma, além do uso ou referência à bandeira japonesa. Por fim, grandes empresas que tinham japoneses como donos ou em cargos superiores precisaram ter suas funções trocadas e empresas vendidas. Embora essa contextualização presente no livro não tenha sido adaptada, podemos ver no filme a aplicação prática de tais sanções sobre o povo japonês.

O capítulo 2 ainda traz a apresentação e o surgimento do Coronel Kikawa como um líder respeitado na comunidade, que busca manter a moral e a unidade entre os japoneses. A ideia de que o Japão não havia perdido a Segunda Guerra fazia parte do seu conceito de moralidade, sendo algo difundido nas sociedades nacionalistas. Estas coagiam com ameaças, ofensas e juramentos de morte o restante da população japonesa para que aderissem às suas crenças e ideais, marcando as casas daqueles que se opunham com pichações que os declarava traidores e lhes ameaçava de morte.

O filme traz a adaptação disso após a cena do interrogatório, no qual Aoki, o intérprete, foi diversas vezes chamado de traidor por todos os japoneses interrogados (Corações Sujos, 2011, 16’12” a 21’04”). A ilustração cinematográfica das pichações que eram feitas nas casas daqueles marcados como “traidores” se dá quando a professora da escola clandestina de japonês, após toda a cena anteriormente relatada na



referida escola, leva Akemi, filha de Sasaki, e Kioko, filha de Aoki, para suas casas. Ao chegar à moradia do intérprete, ela se assusta ao avistar uma pichação escrito “traidor”, em japonês, na parede da casa (Corações Sujos, 2011, 30’33” a 31’37”).

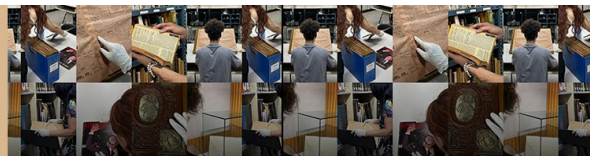
Tais hostilidades recorrentes entre o povo japonês e a crescente desconfiança por parte da sociedade brasileira deixaram um clima de grande tensão na comunidade japonesa que, posteriormente, viria a sofrer com assassinatos pelas mãos dos japoneses que criam na vitória do Japão na Guerra contra aqueles que acreditavam em sua derrota.

O capítulo 3 traz o amadurecimento das ideias do Coronel Kikawa, que passa a realizar recrutamentos dentre a comunidade japonesa para sua sociedade nacionalista. Através dela, Kikawa adquire mais influência e cria um clima de medo e tensão entre os imigrantes, utilizando sua autoridade e poder de comando para mobilizar os japoneses em torno de ideais nacionalistas e de resistência.

A partir desse momento, o filme articula o capítulo 3 juntamente com o capítulo 4, recriando o clima de tensão estabelecido pelos nacionalistas comandados pelo Coronel Watanabe, no livro. Rapidamente há uma escalada nas tensões, mostrando Watanabe arquitetando assassinatos, sendo ele aquele quem decidia quem era traidor e deveria morrer, atribuindo a alguém o dever de matar tais pessoas. No filme, protagonista, Takahashi, muitas vezes é o escolhido para essas missões de execuções. (Corações Sujos, 2011, 25’12” a 26’57”)

Um ponto importante a destacar aqui é referente à prisão do coronel Kikawa, Watanabe no filme. No livro, ele é preso, e, posteriormente, solto no terceiro capítulo, enquanto no longa-metragem sua prisão e soltura ocorre juntamente com os “sete samurais”, logo no início (Corações Sujos, 2011, 16’07”; 21’17”).

O capítulo 4 é o último a ser adaptado no longa-metragem. Nele, Fernando Moraes traz o relato da grande matança que veio após os primeiros assassinatos pelas



mãos dos nacionalistas japoneses contra seu próprio povo. No livro, cada cena é minuciosamente detalhada, enquanto no filme há várias cenas ação, onde são mostrados vários assassinatos cometidos pelos nacionalistas contra os chamados “traidores” (Corações Sujos, 2011, 1:05’36” a 1:07’44”).

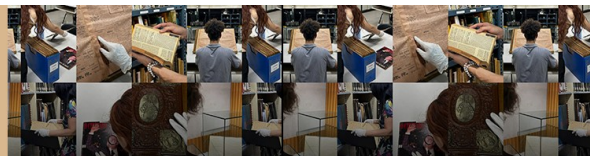
Encerram-se aqui as comparações entre as obras literária e cinematográfica de “Corações Sujos”, uma vez que, a partir deste ponto, não há mais adaptações feitas do livro para o longa-metragem. Não serão, portanto, abordados os conteúdos referentes aos demais capítulos do livro de Fernando Morais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as limitações que impossibilitam os filmes de trazerem uma contextualização mais aprofundada e minuciosa, tais como a duração do filme e a necessidade de seguir um enredo – uma vez que se trata de uma produção que, ao seu final, precisa ser vendida – a adaptação do livro para o longa-metragem consegue captar muito bem seus pontos essenciais para que a atmosfera da época seja recriada.

Desta forma, é possível reconhecer no filme pontos como a cultura e a identidade japonesa, que são multifacetados e se tornam o centro do problema enfrentado pela comunidade japonesa. Ademais, pode-se entender a atmosfera da época no aspecto, e através, das duras sanções sofridas pelos japoneses residentes no Brasil, impostas pelo Estado, o que é explicitado pelas escolas clandestinas no início do filme, juntamente com a cena do Cabo Garcia limpando suas botas com a bandeira do Japão.

De fato, o longa-metragem consegue trazer excelentes elementos que ajudam o telespectador a reviver aqueles momentos. Porém, há elementos de grande importância que não receberam a atenção devida, como a Shindo Renmei. No livro, sua cri-



ação se dá através de algumas pessoas, além do Coronel Kikawa, no capítulo 5. Entretanto, no filme não há menção de sua criação, dando a entender que a organização existia desde o início do filme, na cena da reunião nacionalista com a figura do Coronel Watanabe saudando a bandeira japonesa (Corações Sujos, 2011, 05'30"), sendo o grupo ali reunido possivelmente a própria Shindo Renmei.

Outro ponto importante do livro que não se faz presente no longa-metragem, e que vale ser ressaltado, é a perseguição e violência imposta pela própria população brasileira contra o povo japonês, presente no capítulo 6. É narrado que, em dado momento, o povo brasileiro passou a ir às ruas em busca de japoneses, não importando a idade ou sexo das vítimas. Os brasileiros invadiam casas japonesas e tiravam de lá os pais de família, arrastados pelos cabelos, para serem espancados, enquanto os filhos viam a cena aterrorizados. A adaptação cinematográfica dessa violência imposta pela população brasileira aos japoneses é importante para mostrar as consequências do terror criado pelos japoneses contra seu próprio povo, atraindo a insatisfação dos brasileiros, que passaram a persegui-los, além das sanções do Estado, pelas mãos do povo nas ruas. Isso traria ao filme este aspecto tão marcante do período em questão.

Assim, considerando o exposto, pode-se concluir que, mesmo sendo uma ficção, o filme consegue trazer aspectos importantes do livro, que recriam características relevantes da época, tais como a violência vivida, a tensão, a repressão, os preconceitos e a cultura japonesa. Portanto, o longa-metragem, dentro de suas limitações e licença poética, traz uma boa adaptação do conteúdo do livro ao público.

FONTES

CORAÇÕES SUJOS. Direção: Vicente Amorim. Brasil: Downtown Filmes, 2011.

MORAIS, F. **Corações Sujos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.



REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. **Escritor Fernando Morais assume agência internacional de notícias**. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-11/escritor-fernando-morais-assume-agencia-internacional-de-noticias>. Acesso em: 16 set. 2024.
- ANDRÉ, R. G. A imigração japonesa no Brasil: história e memória, fronteiras e interpenetrações. **História e-história**, v. 1, p. 1-21, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/31851859/A_Imigra%C3%A7%C3%A3o_Japonesa_no_Brasil_Hist%C3%B3ria_e_Mem%C3%B3ria_Fronteiras_e_Interpenetra%C3%A7%C3%B5es_The_Japanese_Immigration_to_Brazil_history_and_memory_borders_and_interpenetrations. Acesso em: 13 abr. 2024.
- BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ. **Um Escritor na Biblioteca: Fernando Morais**. Edição de 2012. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Um-Escritor-na-Biblioteca-Fernando-Morais>. Acesso em: 16 set. 2024.
- CASTRO, M. L. de. Entre o Japão e o Brasil: a trajetória do imigrante. In: **III Encontro Brasileiro de Estudos sobre o Japão e o Pacífico**, São Paulo, 05 nov. 1993. Acesso em: 13 abr. 2024.
- COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. **Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec; Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.
- COMPANHIA DAS LETRAS. **Fernando Morais**. [s.d.]. Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/00355/fernando-morais?srsId=AfmBOoobZg5DN_DY28bsW12S234iyQfD_ZDdVO_4qydROtBFJTucM-W. Acesso em: 13 set. 2024.
- DEZEM, R. Hi-no-maru manchado de sangue - A Shindo Renmei e o Deops/SP. In: CARNEIRO, M. L. T.; TAKEUCHI, M. Y. (orgs.). **Imigrantes japoneses no Brasil: trajetória, imaginário e memória**. São Paulo: Edusp, 2010.
- DEZEM, R. **Shindô-Renmei: terrorismo e repressão**. Inventário DEOPS. Módulo III. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2000.
- FERRO, M. **Cinema e história**. Tradução: Flávia Nascimento. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.
- GIFFONI FILM FESTIVAL. The Middle of the World. Giffoni Film Festival, Edition 2004. Disponível em: <https://www.giffonifilmfestival.it/en/sezioni-film-2004/1609-the-middle-of-the-world.html>. Acesso em: 02 set. 2024.
- HANDA, T. **O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.
- INFOESCOLA. **Fernando Morais**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/fernando-morais/>. Acesso em: 13 set. 2024.



LATAM TRAINING CENTER. **Termina a oficina "O sonho de um filme em quatro noites de verão"**. Latam Training Center, 2009. Disponível em: <https://latamtrainingcenter.com/termina-a-oficina-o-sonho-de-um-filme-em-quatro-noites-de-verao/?lang=pt-br>. Acesso em: 03 set. 2024.

OLIVEIRA, A. C. de; YURA, D. Ser ou Não Ser Japonês? Um Processo Identitário em Construção. **Afro-Ásia**, v. 59, n. 9-42, p. 9-42, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/aa.v0i59.24602>. Acesso em: 13 abr. 2024.

OLIVEIRA, N. 114 anos de Japão no Brasil. **Ministério do Turismo**, Brasília, 15 jun. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/114-anos-de-japao-no-brasil>. Acesso em: 21 nov. 2024.

PAPO DE CINEMA. **Vicente Amorim: biografia**. Papo de Cinema, [s.d.]. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/artistas/vicente-amorim/biografia/>. Acesso em: 02 set. 2024.

TASHIRO, K.; VIDEEN, S. D. Foreign Relations during the Edo Period: Sakoku Reexamined. **Journal of Japanese Studies**, v. 8, n. 8, p. 283-306, 1982. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/132341>. Acesso em: 13 abr. 2024.

UNICAMP. **Fernando Morais - Artista Residente**. Instituto de Estudos Avançados, [s.d.]. Disponível em: <https://idea.unicamp.br/artista-residente/fernando-morais/>. Acesso em: 13 set. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **A propósito de Eric Hobsbawm**. Disponível em: <https://historia.ufg.br/n/40187-a-proposito-de-eric-hobsbawm>. Acesso em: 27 ago. 2024.

VIEIRA, F. I. S. **O japonês na frente da expansão paulista: o processo de absorção do japonês em Marília**. São Paulo: Pioneira, 1973.